

# A Construção do Detalhe: Vestígios do método indiciário no primeiro capítulo de *Casa-Grande e Senzala*

MARCELA CAMPOREZ\*

**RESUMO:** O presente trabalho analisa o primeiro capítulo da obra *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, colocando como base o estudo indiciário do historiador Carlo Ginzburg. A obra em questão é considerada um marco na historiografia brasileira, tanto pelo período de seu lançamento, e seu autor, quanto pela sua abordagem inovadora – que apesar do reconhecimento atual, foi (e continua sendo) alvo de diversas críticas. O indiciarismo pretende abordar uma visão mais emocional, encontrada nos detalhes periféricos e que normalmente podem passar despercebidos pelos olhares dos leitores. Gilberto Freyre consegue retratar de maneira bastante real, e até apaixonada, as relações existentes dentro da sociedade brasileira, e mais especificamente para o dado trabalho, na sociedade portuguesa que conseguiu aqui se instalar no início da colonização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indiciarismo; pistas; relações sociais.

**ABSTRACT:** This paper examines the first chapter of the book *Casa-Grande e Senzala*, from Gilberto Freyre, posing as the evidentiary basis historian Carlo Ginzburg's study. The paper in question is considered a milestone in Brazilian historiography, both for the period of its release, and its author, as for its innovative approach - that despite the current recognition, was (and remains) the subject of some criticism. The *indiciarismo* aims to address a more emotional view, found in the peripheral details that may normally go unnoticed by the eyes of readers. Gilberto Freyre can portray very real way, and even love, the relationships within Brazilian society, and more specifically for the given work in Portuguese society that could be installed here at the beginning of colonization.

**KEYWORDS:** Indiciarism; clues; social relations

---

*Artigo recebido em 27 de julho de 2014 e aprovado em 9 de outubro de 2014*

\* Mestre pelo programa de pós-graduação de História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, bolsista FAPES. E-mail: marcelacamporez@hotmail.com

## Introdução

Gilberto Freyre continua despertando sentimentos distintos em muitos de seus leitores. Sua grande obra, *Casa-Grande e Senzala*, retrata a sociedade brasileira de uma maneira nunca antes descrita, e, talvez, o estranhamento por parte do desconhecido tenha sido maior do que o encantamento por um trabalho tão longo e cheio de minúcias. A obra trouxe consigo uma leitura antropológica sobre o Brasil que até então era despercebida. Com uso de uma linguagem literária, Freyre conseguiu realizar um apanhado rico em detalhes a respeito da vida cultural e política, que acabaram por refletir na vida social brasileira. Essa análise teve como centro a observação das relações dentro da Casa-Grande, juntamente da senzala.

A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao *paterfamilias*, culto dos mortos etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o "tigre", a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo).<sup>1</sup>

No primeiro capítulo, especificamente, o autor descreve a colonização portuguesa por meio de uma análise indiciária de questões históricas e sociais, que se caracterizou pela forma agrária da sociedade, pela técnica de exploração econômica escravocrata e pela composição híbrida de índios e negros.

Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio - e mais tarde de negro - na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça. Quase nenhuma no português cosmopolita e plástico, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política.<sup>2</sup>

## Gilberto Freyre e o Indiciário

Gilberto de Mello Freyre (1900-1987) nasceu em Recife, teve uma criação distinta e uma vida intelectual intensa. Sua sensibilidade infantil foi estimulada pelo empenho de professores especiais que o acompanhavam. Não tinha muito entusiasmo no que diz respeito à leitura ou escrita, mas isso não acontecia quando se tratava de desenhos. “Enchia cadernos

---

<sup>1</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, Global Editora, 2003, p. 35.

<sup>2</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, Global Editora, 2003, p. 64.

com seus desenhos e rabiscos. Desenhos que registravam descobrimentos importantes: o navio, o frade, o engenho, a jangada, a locomotiva”.<sup>3</sup>

Quando a criança cedeu espaço ao adolescente, sua cidade respirava a miscigenação racial e cultural, e o país vivia um período marcado por contradições e transformações. O que se mantinha permanente era a importância do bacharelado e do título de doutor para os filhos de família rica. De outro lado, o espírito vindo da Belle Époque impregnava aspectos da nova paisagem social, com a euforia pelo desenvolvimento urbano-industrial e as ideias de progresso.

Como parte integrante de uma família aristocrática rural pernambucana da época, Freyre não fugiu completamente aos valores em que estava inserido. Ele completou os estudos secundários no *Colégio Americano Batista Gilreath*, que era reconhecido entre as famílias de poder de Recife. Em 1917 recebeu o título de *Bacharel em Ciências e Letras*.<sup>4</sup>

Aluno do Colégio Americano Batista, onde se destacava por seu brilho e erudição, Freyre sentia-se, no entanto, tolhido pelo que chamava de “aldeia recifense”. Viajar para o estrangeiro significava para ele e seus familiares, criar condições para que seu grande potencial fosse devidamente desenvolvido e suas perspectivas ampliadas.<sup>5</sup>

O jovem brasileiro, que tinha contato com grandes mestres em Pernambuco, resolve viajar para a Europa e Estados Unidos, e descreve diversas vezes sua admiração por personalidades distintas como Edgar Allan Poe, Franz Boas, o antropólogo Bronislaw Malinowski e o psicanalista Sigmund Freud, além de despertar um interesse pelo modernismo brasileiro.

Gilberto se dizia modernista e, de fato, o levantamento que já havia feito confirmava os seus laços com Manoel Bandeira, Prudente de Moraes Neto, Rodrigo Melo Franco de Andrade – e sugestivamente – Paulo Prado, Sérgio Buarque e Afonso Arinos. Vale a pena observar, porém, que expressiva parcela da crítica atual costuma classifica-lo exatamente na posição inversa, contrapondo a sua obra, pelo regionalismo e pelo perfil tradicional, aristocrático e conservador, que a caracterizaria, às demandas modernizantes do modernismo paulista.<sup>6</sup>

Freyre podia ser tratado como um leitor eclético, ao invés de sistemático, que normalmente mais passava pelos livros apressadamente, do que parava analisando-os com

---

<sup>3</sup> COELHO, Claudio Márcio. **Gilberto Freyre: indiciário, emoção e política na casa-grande e na senzala.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007, p. 26.

<sup>4</sup> COELHO, 2007, p.39.

<sup>5</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. **Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos** – São Paulo, Editora UNESP, 2005, p.53.

<sup>6</sup> BENZAQUEN, Ricardo de Araújo. **Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30.** Editora 34 — Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, p.21.

calma: “[...] como uma esponja na sua capacidade de absorver ideias e como uma ostra na sua capacidade de transformar tudo o que lia”.<sup>7</sup>

A maioria dos “ídolos” de Freyre trazem rastros do indiciarismo em seus estudos e métodos, mas é necessário entender o que é, e de onde veio o método indiciário. Carlo Ginzburg pode ser considerado o grande nome do método indiciário.

O historiador italiano Carlo Ginzburg está empenhado na construção de um projeto intelectual ambicioso. Seu esforço teórico-metodológico consiste na pesquisa de um método que considera milenar, que remonta as origens da própria humanidade. Este método está fundamentado na investigação de “pistas”, “sinais” ou “indícios” reveladores acerca dos fenômenos da realidade: trata-se do *Método Indiciário*.<sup>8</sup>

Um dos fatores que pode caracterizar Gilberto Freyre como uma grande indiciarista é que ele não hierarquizava os documentos pesquisados. Tinha os dados marginais como indícios que poderiam contribuir para sua pesquisa de maneira relevante. Para ele, os documentos oficiais, mesmo com sua importância acadêmica e científica, não mostravam de maneira clara os detalhes da vida cotidiana e da intimidade. “Os pormenores do comportamento corriqueiro só podem ser apreendidos pelos *documentos extraoficiais – fontes marginais* que descem aos desvãos da intimidade e que revelam o cotidiano em suas microestruturas históricas e sociais”.<sup>9</sup>

A atenção aos “pormenores significativos”, que se tornará parte essencial da abordagem inovadora de Freyre, também era considerada por ele como um legado dos romancistas, biógrafos e memorialistas ingleses como James Boswell, Lytton Strachey, Rebeca West e tantos outros. Até Herbert Spencer era assemelhado por Freyre aos romancistas ingleses “na atenção que sabia dever o sociólogo ou antropólogo social dispensar a pormenores significativos do cotidiano”.<sup>10</sup>

De acordo com Coelho (2006), a partir da pesquisa sobre as raízes do Paradigma Indiciário, Ginzburg foi direcionado a um importante *insight*, de que se a realidade é opaca, existem áreas privilegiadas (sinais, indícios), que nos possibilitam seu entendimento e decifração. Essa investigação que se baseia em indícios acompanhou os primeiros grupos humanos, especialmente nas técnicas que os caçadores/coletores do período Neolítico utilizavam.

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas

<sup>7</sup> PALLARES-BURKE, 2005, p. 40.

<sup>8</sup> COELHO, Claudio Marcio. **Raízes do Paradigma Indiciário**. Núcleo de Estudos Indiciários – DCSO – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006, p.01.

<sup>9</sup> COELHO, 2007, p.139.

<sup>10</sup> PALLARES-BURKE, 2005, p.41.

infinitesimais como fios de barbas. Aprendeu a fazer operações com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. [...] O caçador teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas uma série coerente de eventos. ‘Decifrar’ ou ler’ as pistas dos animais são metáforas.<sup>11</sup>

A partir de então, o paradigma indiciário continuará margeando nossa cultura até que no final do século XIX – na década de 1870-1880 – ele começa a se firmar nas ciências humanas baseando-se na semiótica. Para Rodrigues (2005) Ginzburg analisa de maneira comparativa as práticas indiciárias de Giovanni Morelli (formado em medicina e crítico de arte), Arthur Conan Doyle (médico e escritor, criador do personagem Sherlock Holmes), e Freud (médico e criador da psicanálise).

Nos três casos, entrevê-se o modelo da semiótica médica: a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta na base de sintomas superficiais, às vezes irrelevante aos olhos do leigo, pistas talvez infinitesimais que permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli).<sup>12</sup>

O que ajudou a tornar o método indiciário popularmente conhecido foi a narrativa policial de detetive ou romance de enigma. Autores conhecidos como Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle e Agatha Christie foram responsáveis por diversos contos demonstrando a eficácia do indiciarismo na investigação detetivesca. O criador desse gênero, Allan Poe (1809-1849), tinha como seu contexto histórico da época uma intensificação do processo de urbanização e de industrialização, e o crescimento da violência, da criminalidade e da insegurança. Além disso, pode-se dar destaque ao aumento do público leitor, do surgimento de jornais populares (que davam destaque às notícias sobre crimes misteriosos), e o fortalecimento da ideia que considerava o criminoso um inimigo social. Seu primeiro lançamento foi em 1841, o conto “Assassinatos da Rua Morgue”, que contava com um detetive (Auguste Dupin), no centro da narrativa policial.

O detetive Auguste Dupin desenvolve seu método de investigação a partir da perspectiva indiciária. Seu método consiste na busca de fatos pequenos (detalhes), a observação atenta e a inferência a partir da análise indutiva (do particular para a totalidade). Dupin valoriza a observação dos fatos, a objetividade, o rigor lógico e a dúvida metódica na análise (categorias do pensamento positivista).<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> COELHO, 2006, p.09.

<sup>12</sup> GINZBURG apud RODRIGUES, Márcia B. F. **Razão e Sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário.** Dimensões – Revista de História da Ufes. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, nº 17, 2005. 213-221 p.04.

<sup>13</sup> COELHO, 2006, p.15.

Outro personagem que ganhou fama dentro das narrativas policiais foi Sherlock Holmes. No conto “Um estudo em vermelho”, de 1887, o detetive relata os procedimentos fundamentais da investigação baseada em indícios. Para Holmes

[...] toda vida é uma grande corrente cuja natureza torna-se conhecida desde que nos apresentem um único elo. [...] Antes de enfrentar os aspectos morais e mentais que apresentam maior grau de dificuldade em determinada questão, convém que aquele que indaga comece por dominar os problemas mais elementares. Que ao olhar outro mortal, aprenda a perceber através de um mero olhar a história do homem e o ofício ou profissão a que se dedica. Por mais pueril que esse exercício possa parecer, ele aguça as faculdades de observação e ensina para onde olhar e o que ver. As unhas de um homem, a manga de seu paletó, sua botina, os joelhos de suas calças, as calosidades de seu indicador e se polegar, sua expressão, os punhos de sua camisa – eis diversos elementos que permitem discernir claramente a ocupação de um homem. [...] Em mim a observação é uma segunda natureza. [...] Quando um fato parece se opor a uma longa série de deduções invariavelmente se verifica que esse fato comporta alguma outra interpretação. [...] No momento de solucionar um problema desse tipo, o essencial é saber refletir para trás.<sup>14</sup>

Para ilustrar o contínuo desenvolvimento do indiciário no final do século XIX, surgiram diversos artigos em revistas europeias sobre a pintura italiana. Eles foram assinados por um desconhecido estudioso russo chamado Ivan Lermolieff. Alguns anos depois, o verdadeiro autor e tradutor dos ensaios foi descoberto. Ele era o italiano Giovanni Morelli, que desenvolveu um método de investigação sobre a autenticidade de quadros. Ginzburg explica o método morelliano a partir das proposições do próprio Morelli.

Os museus da Europa, dizia Morelli, estão cheios de quadros atribuídos de maneira incorreta. Mas devolver cada quadro ao seu verdadeiro autor é difícil: muitíssimas vezes encontramos-nos frente a obras não-assinadas, talvez repintadas ou num mau estado de conservação. Nestas condições, é indispensável poder distinguir os originais das cópias. Para tanto, porém (dizia Morelli), é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés. Dessa maneira Morelli descobriu, e escrupulosamente catalogou, a forma de orelha própria de Botticelli, a de Cosmè Tura e assim por diante: traços presentes nos originais, mas não nas cópias.<sup>15</sup>

Para Coelho<sup>16</sup> já sabemos que a realidade é multifacetada. Para poder interpretá-la, o pesquisador precisa usar de procedimentos coerentes com sua complexidade, e deve permanecer-se sempre atento a esta complexidade. “O historiador, por vezes (ou muitas vezes), estabelece vínculos, relações e paralelismos que nem sempre estão diretamente documentados”.

<sup>14</sup> COELHO, 2006, p.16.

<sup>15</sup> COELHO, 2006, p.18.

<sup>16</sup> COELHO, 2006, p.19.

O desenvolvimento das “Ciências da Subjetividade” foi ampliado principalmente pelos avanços da linguística e das investigações antropológicas de Lévi-Strauss, e depois de suas análises, outros pesquisadores ficaram convencidos de que a psicanálise poderia ser incluída no grupo das Ciências Conjecturais.

Ao valorizar a conjectura na análise, o pesquisador descobrirá uma ciência com rigor flexível. Este procedimento conduz obrigatoriamente o pesquisador a utilizar uma lógica que esteja de acordo com o fenômeno investigado; definir o estatuto de verdade que busca; estabelecer parâmetros consistentes para aplicação da conjectura com critério e rigor.<sup>17</sup>

Ginzburg faz uma discussão metodológica apontando questionamentos e reflexões sobre, por exemplo: o que é prova? E também nos provoca quando destaca se é possível resumir nossas inquietações nas seguintes perguntas: Qual o papel das fontes no trabalho do historiador? O que é a verdade? Onde ela está?

Dessa forma, o indiciário poderia tornar-se um dos “caminhos” [metodologia] através do qual o mistério da unidade subjacente à diversidade existente no mundo, objeto de todo conhecimento, pode adquirir um sentido fora do debate desgastado da razão e desrazão, onde o mito da neutralidade/eficácia tudo explica e tudo molda com os critérios absolutistas de verdade.<sup>18</sup>

Para Rodrigues<sup>19</sup> “O paradigma indiciário valoriza a aproximação emocional do observador com o seu objeto, os traços e o conhecimento individuais em detrimento à generalização”. É também importante destacar que a prova no método indiciário, não se restringe ao controle racionalista/positivista. É possível nesse paradigma o conhecimento através da *relação* “Razão e Emoção”, e não na *oposição* “Racionalismo versus Irracionalismo”, marcada pela oposição lógica. A partir dessas constatações podemos aprender que é preciso transformar a realidade em um enigma, duvidar do óbvio.

### **A obra Casa-Grande e Senzala e o Método Indiciário no 1º Capítulo:**

O livro *Casa Grande e Senzala* foi lançado em 1933. O contexto em que a obra foi lançada é de grande relevância para compreendermos sua repercussão, e também os motivos que levaram o autor a escrevê-lo. Com a Revolução de 1930, o governo de Getúlio Vargas deu início a um programa cultural nacionalista, que valorizava as raízes africanas da cultura brasileira. O aumento gradativo do fascínio do Brasil branco pelo que era afro-brasileiro fez com que Vargas subsidiasse o desfile de escolas de samba do Rio, mostrando a inversão do

---

<sup>17</sup> COELHO, 2006, p.20.

<sup>18</sup> RODRIGUES, 2005, p.06.

<sup>19</sup> RODRIGUES, 2005, p.07.

desprezo da elite branca pelo samba, candomblé e outros traços da cultura negra. O então presidente também criou um programa que identificava, restaurava e protegia monumentos históricos nacionais, de maneira a enaltecer o passado colonial brasileiro<sup>20</sup>. Os acontecimentos que marcaram a década de 30 acabaram criando espaços políticos e intelectuais para pensar o nacional de uma maneira nova.

As reflexões iniciadas pelos modernistas e pelos intelectuais nos anos 20 foram aprofundadas, renovando a “agenda” brasileira. No cenário internacional, a “protoglobalização dos anos 30 e a emergência de novas nações periféricas” contribuíram para a elaboração de “grandes ensaios de interpretação nacional”: Freyre, Holanda, Prado Jr.<sup>21</sup>

Para Freyre, a casa-grande, junto da senzala, representou na época um sistema econômico, social, e político de produção, trabalho, transporte, religião, vida sexual e familiar. De acordo com Coelho (2007), as casas-grandes coloniais eram representações da força e poder dos senhores de engenho, e esse poder se encontrava acima da igreja e dos vice-reis.

Nelas, encontramos importantes *indícios* da vida material. Estes, por sua vez, enunciam sentimentos e comportamentos – traços afetivos e psicossociais de seus moradores. Suas paredes grossas e alicerces profundos foram construídos com muito suor e sangue dos negros – *indícios* da magnitude da violência e da dominação branca e da importância (o valor) do braço escravo para o desenvolvimento da colônia.<sup>22</sup>

No primeiro capítulo de Casa Grande e Senzala – denominado de “Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida” – o autor analisa os fatores que possibilitaram a fixação e permanência dos portugueses nas terras brasileiras. Ele faz uso tanto do método histórico, recriando todo o período colonial (bem como acontecimentos de períodos anteriores que resultaram no Português encontrado na colonização), e também do método comparativo, comparando a colonização portuguesa com a colonização inglesa e espanhola.

O desenvolvimento do capítulo se dá com a exposição dos contatos culturais e até mesmo sexuais que os portugueses tiveram com os mouros durante a Idade Média, e que foram fundamentais para que o português conseguisse realizar bem o desafio da colonização. Através de séculos de lutas contra os mouros, os portugueses foram capazes de absorver algumas de suas características culturais mais importantes ao chegarem ao Brasil. "A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a

---

<sup>20</sup> COELHO, 2007, p.58.

<sup>21</sup> LARRETA apud COELHO, 2007, p.60.

<sup>22</sup> COELHO, 2007, p.122.



em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África".<sup>23</sup>

O primeiro aspecto português que foi benéfico para a colonização foi a mobilidade. Eles estavam acostumados a viajar, desbravar novas terras, e lidar com o desconhecido. Também não tiveram problemas quanto à miscigenação.

A miscibilidade, mais do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre áreas extensíssimas. Para tal processo prepararam-se a íntima convivência, o intercuro social e sexual com raças de cor, invasora ou vizinhas da Península, uma delas, a de fé maometana, em condições superiores, técnicas e de cultura intelectual e artística, à dos cristãos louros.<sup>24</sup>

Em relação aos índios, os portugueses conseguiram formar um forte hibridismo. Ao chegarem às terras brasileiras, os europeus se surpreenderam com as inúmeras mulheres, sem o pudor visto nas europeias. As cenas vistas remetiam ao português uma grande excitação sexual, até porque, elas lembravam muito a “moura encantada”, tida como um tipo ideal de mulher morena de olhos pretos.

O longo contato com os sarracenos deixara idealizada entre os portugueses a figura da moura-encantada, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envolta em misticismo sexual – sempre de encarnado, sempre penteando os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas águas das fontes mal-assombradas - que os colonizadores vieram encontrar parecido, quase igual, entre as índias nuas e de cabelos soltos do Brasil. Que estas tinham também os olhos e os cabelos pretos, o corpo pardo pintado de vermelho, e, tanto quanto as nereidas mouriscas, eram doidas por um banho de rio onde se refrescasse sua ardente nudez e por um pente para pentear o cabelo. Além do que, eram gordas como as mouras. Apenas menos ariscas: por qualquer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos "caraíbas" gulosos de mulher.<sup>25</sup>

De acordo com Ricardo Benzaquen, os portugueses se deslocavam com nítida rapidez, e deitavam com qualquer raça. Eles acabaram por realizar o feito de não só se multiplicar, e aceitar a sua presença em inúmeras regiões do planeta, como também a de fazê-lo por meio de um tipo peculiar de colonização, que se baseava em um íntimo contato com as terras e os povos por eles conquistados.<sup>26</sup>

Diferente de outros povos, os portugueses não tiveram problema em se adaptar em terras de clima tropical, uma vez que o clima que eles estavam acostumados tinha mais

---

<sup>23</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Fundação Gilberto Freyre, Global Editora, 2003, Recife – Pernambuco – Brasil – 48ª edição, p.66.

<sup>24</sup> FREYRE, 2003, p.70.

<sup>25</sup> FREYRE, 2003, p.71.

<sup>26</sup> BENZAQUEN, 1994, p.46.

semelhanças com a África do que com o restante da Europa. “Nas condições físicas de solo e de temperatura, Portugal é antes África do que Europa”.<sup>27</sup>

Um dos problemas enfrentados pelos portugueses foi a nutrição. O autor destaca que esse problema afligia a sociedade colonial e produzia uma sociedade fraca e deficiente em termos nutricionais. Tal problema era resultado da falta de alimentos decorrente da extensa plantação de cana-de-açúcar. “A nutrição da família colonial brasileira, a dos engenhos e notadamente a das cidades, surpreende-nos pela má qualidade: pela pobreza evidente de proteínas de origem animal, pela falta de vitaminas; pela de cálcio e de outros sais minerais”.<sup>28</sup>

O Brasil não tinha riquezas e especiarias a oferecer, como o Oriente. Desse modo, os colonizadores precisaram de uma alternativa para manter a sociedade. A alternativa encontrada foi a monocultura de cana-de-açúcar, que acabou deixando o solo empobrecido e no controle das mãos de poucos.

O autor destaca o problema da alimentação fazendo uma nota sobre o tamanho do problema que era gerado por causa da alimentação sem fibras e demais alimentos saudáveis:

A farinha - alimento hidrôcarbonato, com proteína de segunda classe e pobre de vitaminas e de sais minerais - é considerada por vários especialistas em assuntos de nutrição alimento de fraco valor. Mesmo quando ingerida seca - observava pitorescamente em 1909 um estudioso do regime de alimentação na Bahia – “duplicando de volume, distende fortemente as paredes do estômago [...]” podendo dar lugar a “fermentações anormais”. Além do que, pela “existência de fibras lenhosas da raiz de mandioca”, contribui para “a formação de bolos fecais endurecidos, constituindo verdadeiros fecalomas, capazes de resistirem às mais fortes lavagens e aos mais enérgicos purgativos”.<sup>29</sup>

O plantio da cana-de-açúcar como monocultura, impedia o desenvolvimento de outras plantações, como o da mandioca, que produziria a farinha, e de legumes e frutas em geral. Mesmo a elite brasileira, que tinha boas condições econômicas, sofria na hora das refeições. Ela pedia alimentos de Portugal, mas estes não conseguiam chegar em boas condições de aproveitamento já que a viagem era longa e o armazenamento precário.

Outro fator de destaque para Freyre foi a disseminação da sífilis. A grande miscigenação que ocorreu no território brasileiro acabou por favorecer a proliferação da doença. Ela estava tão presente na vida cotidiana que passou a ser aceita como normal, e

---

<sup>27</sup> FREYRE, 2003, p.72.

<sup>28</sup> FREYRE, 2003, p. 79.

<sup>29</sup> FREYRE, 2003, p.150.

muitas vezes os meninos que não tinham a doença, eram discriminados por não terem iniciado a vida sexual.

Da ação da sífilis já não se poderá dizer o mesmo; que esta foi a doença por excelência das casas-grandes e das senzalas. A que o filho do senhor de engenho contraía quase brincando entre negras e mulatas ao desvirginar-se precocemente aos doze ou aos treze anos. Pouco depois dessa idade já o menino era donzelão. Ridicularizado por não conhecer mulher e levado na troça por não ter marca de sífilis no corpo. A marca da sífilis notou Martius que o brasileiro a ostentava como quem ostentasse uma ferida de guerra.<sup>30</sup>

Um fator que marca Gilberto Freyre como um indiciarista é seu interesse pelo que está à margem, pelos detalhes. No Prefácio à primeira edição de *Casa-Grande e Senzala*, o autor faz uma apresentação minuciosa das fontes que pesquisou, mas não faz distinção quanto a natureza de cada uma, ou seja, não determinou uma classificação fixa de organização como fontes primárias, secundárias, oficiais e marginais. Ele analisou todas as fontes como documentos reveladores, que poderiam contribuir para a análise de alguma forma, e cada uma de maneira particular.

O autor encarou suas *fontes* como documentos reveladores, considerando suas especificidades no quebra-cabeça histórico-social brasileiro: o passado interpretado como um outro meio de procurar o “tempo perdido” e de “nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós”.<sup>31</sup>

Freyre fez uso de fontes pouco comuns para a época como inventários, cartas de sesmaria, testamentos, correspondência da Corte e Ordens Reais. Relatórios de bispos, atas de sessões de Ordens Terceiras, confrarias e santas casas, livros de assentos de batismo, óbitos e casamentos de livres e escravos e os de rol de famílias, autos de processos matrimoniais, estudos de genealogia, relatórios de juntas de higiene, documentos parlamentares, estudos e teses médicas, documentos da Biblioteca do Estado de Pernambuco, do Arquivo Nacional, da Biblioteca Nacional e do Instituto Histórico Brasileiro, cartas e arquivos de famílias, livros e cadernos de modinhas e receitas de bolos.<sup>32</sup>

Mesmo respeitando muito os grandes mestres da História, o autor pernambucano atribuiu grande importância às fontes que pesquisou. A preocupação que possuiu acerca do contato direto com as fontes pesquisadas ilustra a intenção de construir uma narrativa autêntica e menos influenciada pela leitura de terceiros.

Ler a realidade social a partir da interpretação que outros fizeram de suas *fontes* é possível, mas aquele que se aventura pela pesquisa limitando-se a leitura de outros,

---

<sup>30</sup> FREYRE, 2003, p.109.

<sup>31</sup> COELHO, 2007, p.185.

<sup>32</sup> COELHO, 2007, p.180.

não pode garantir a autenticidade de sua análise. Freyre compreendia este princípio fundamental da pesquisa histórica: manter contato direto com as *fontes* de sua pesquisa, e deixar que elas revelem a autenticidade do contexto histórico-social investigado.<sup>33</sup>

Dessa maneira, podemos observar que Freyre analisava suas fontes como “pistas”, como um verdadeiro detetive buscando solucionar um mistério – no caso, descrever as relações sociais durante a colonização brasileira, mas dessa vez, com enfoques distintos. Ao rastrear e interpretar suas fontes, ele compreendeu que seria capaz de decifrar as relações históricas e sociais.

De acordo com Coelho<sup>34</sup> “Freyre não hierarquizava os documentos pesquisados. Encarava os *dados marginais* como *indícios* que poderiam revelar aspectos inusitados para a pesquisa.” Compreendia que mesmo sem a importância acadêmica e científica, algumas fontes guardavam detalhes da vida cotidiana e da intimidade das pessoas, que eram muito valiosas para a reconstrução dessa sociedade. “Os pormenores do comportamento corriqueiro só podem ser apreendidos pelos *documentos extra-oficiais – fontes marginais* que descem aos desvãos da intimidade e que revelam o cotidiano em suas micro-estruturas históricas e sociais”.<sup>35</sup>

Através dessas fontes diferenciadas e de um olhar novo, o autor valorizou os marginais da história, como a mulher, a criança e o escravo. Esses personagens normalmente estavam escondidos ou eram desprezados pela historiografia, que se preocupava mais com a análise da história militar e das grandes figuras. “Até os críticos mais exigentes (geralmente) reconhecem as proezas da pesquisa freyreana: uma pesquisa marcadamente detalhada, exaustiva e minuciosa, alicerçada no pluralismo documental, teórico e metodológico”.<sup>36</sup>

Dentro das análises feitas por Freyre é possível destacar o uso do Método Indiciário em diversas partes da obra, desde que prestemos atenção nos detalhes, na emoção com que o autor consegue descrever cada cena e no que elas trazem por trás do olhar superficial. A primeira estrutura que prende a atenção do leitor é a forma como ele escreve e retrata determinadas situações. O uso de figuras de linguagem, sinestésias e adjetivos, nos ajudam a captar a emoção do contexto. Podemos ter como exemplo algumas passagens, como:

A mobilidade foi um dos segredos da vitória portuguesa; sem ela não se explicaria ter um Portugal quase sem gente, um pessoalzinho ralo, insignificante em número - sobejo de quanta epidemia, fome e sobretudo guerra afligiu a Península na Idade

<sup>33</sup> COELHO, 2007, p.188.

<sup>34</sup> COELHO, 2007, p.190.

<sup>35</sup> COELHO, 2007, p.198.

<sup>36</sup> COELHO, 2007, p.180.

Média - conseguido salpicar virilmente do seu resto de sangue e de cultura populações tão diversas e a tão grandes distâncias umas das outras: na Ásia, na África, na América, em numerosas ilhas e arquipélagos.<sup>37</sup>

Essa primeira passagem ilustra bem a exaltação que o autor faz aos portugueses constantemente - apontando na maioria das vezes a superação que alcançaram ao encontrar as diferenças, ou na facilidade que tiveram ao encontrarem estruturas semelhantes. Ao caracterizar o português como um “pessoalzinho ralo, insignificante em número”, está diminuindo-o, para logo depois exaltá-lo ainda mais por ter vencido as adversidades e ter “conseguido salpicar virilmente do seu resto de sangue[...]”.

Esse mesmo caso acontece ao descrever a miscigenação entre os europeus e as índias aqui encontradas:

Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia de ação colonizadora.<sup>38</sup>

O uso de termos como “gostosamente” e “machos atrevidos” são usados com certa frequência para aumentar a tensão sexual que o autor deseja descrever. Sua obra, de maneira geral, tem um apelo sexual forte.

A emoção também está presente no final do capítulo, quando o autor aborda a questão do sadismo x masoquismo entre as escravas e os senhores.

O intercuro sexual entre o conquistador europeu e a mulher índia não foi apenas perturbado pela sífilis e por doenças europeias de fácil contágio venéreo: verificou-se - o que depois se tornaria extensivo às relações dos senhores com as escravas negras - em circunstâncias desfavoráveis à mulher. Uma espécie de sadismo do branco e de masoquismo da índia ou da negra terá predominado nas relações sexuais como nas sociais do europeu com as mulheres das raças submetidas ao seu domínio.<sup>39</sup>

Ao abordar tal assunto, o autor afirma que durante o período agiam influências sociais sobre o filho da família escravocrata, e sua condição de senhor cercado de escravos e animais dóceis, acabavam induzindo-o à bestialidade e ao sadismo. Depois de anos, não era raro que essa criança guardasse em diversas manifestações da vida ou da atividade social do indivíduo, um “sexual undertone”, que transformava o sadismo do menino no “gosto de mandar dar surra, de mandar arrancar dente de negro ladrão de cana, de mandar brigar na sua presença capoeiras, gaios e canários”.<sup>40</sup>

---

<sup>37</sup> FREYRE, 2003. p.70.

<sup>38</sup> FREYRE, 2003, p.70.

<sup>39</sup> FREYRE, 2003, p.113.

<sup>40</sup> FREYRE, 2003, p.114

A partir de tal constatação, o autor destaca um fator sobre o conquistador e o conquistado, que permanecia ligado à circunstância econômica da formação patriarcal, e da mulher ser tantas vezes no Brasil, vítima do domínio ou do abuso do homem.

Mas esse sadismo de senhor e o correspondente masoquismo de escravo, excedendo a esfera da vida sexual e doméstica, têm-se feito sentir através da nossa formação, em campo mais largo: social e político. Cremos surpreendê-los em nossa vida política, onde o mandonismo tem sempre encontrado vítimas em quem exercer-se com requintes às vezes sádicos; certas vezes deixando até nostalgias logo transformadas em cultos cívicos, como o do chamado marechal-de-ferro. A nossa tradição revolucionária, liberal, demagógica, é antes aparente e limitada a focos de fácil profilaxia política: no íntimo, o que o grosso do que se pode chamar "povo brasileiro" ainda goza é a pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático. Mesmo em sinceras expressões individuais - não de todo invulgares nesta espécie de Rússia americana que é o Brasil" - de mística revolucionária, de messianismo, de identificação do redentor com a massa a redimir pelo sacrifício de vida ou de liberdade pessoal, sente-se o laivo ou o resíduo masoquista: menos a vontade de reformar ou corrigir determinados vícios de organização política ou econômica que o puro gosto de sofrer, de ser vítima, ou de sacrificar-se.<sup>41</sup>

As raízes do sadismo e do masoquismo, para o autor, durante a formação da sociedade colonial brasileira, devem ser buscadas dentro das condições econômicas e sociais criadas pela colonização portuguesa, e no sistema escravocrata de organização agrária do Brasil. Assim sendo, devemos investigar as principais causas do abuso de negros por brancos, principalmente “através das formas sadistas de amor que tanto se acentuaram entre nós [...]”<sup>42</sup>

Freyre demonstra como o sadomasoquismo dos senhores e dos escravos excedeu a esfera da vida sexual e doméstica, e influenciou nossa formação social e política. Ele identificou sentimentos e emoções, sobretudo inconscientes, de caráter passadista e de longa duração, que acabamos por incorporar.

Realizando uma análise compreensiva e minuciosa, o autor descortinou indícios reveladores acerca da relação entre mandonismo, sadismo, masoquismo, gozo, afetos. A vanglória de mandar e o desejo de obedecer manifestaram-se na relação entre senhores e escravos, brancos e negros, doutores e analfabetos, pois o sadismo de mando sempre encontrou ‘seu par’ para exercer seu despotismo.<sup>43</sup>

Diferente de outros autores, Freyre não descreve a “política” como uma macroestrutura social tão valorizada pelos pensadores políticos clássicos, ou por aqueles que defendiam a concepção estatocêntrica. É evidente que ele não nega a força e importância do lado econômico e político dentro das relações sociais, mas achou melhor fazer uma análise compreensiva dos “detalhes”, invertendo assim a perspectiva da análise. O político e o econômico aparecem em sua obra como pano de fundo das relações sociais. Freyre desprezou

<sup>41</sup> FREYRE, 2003, p.118.

<sup>42</sup> FREYRE, apud, COELHO, 2007, p.200

<sup>43</sup> COELHO, 2007, p.201.

“tudo o que a história política e militar” oferece de “empolgante por uma quase rotina de vida”.<sup>44</sup>

A análise indiciária, que encontramos no primeiro capítulo, contribui de maneira significativa para a elaboração de uma teoria política original sobre a formação do Brasil. A preferência de Freyre pelos detalhes e indícios reveladores pode ser diretamente relacionado com sua narrativa íntima, pessoal e emotiva do passado colonial brasileiro.

Talvez a maior contribuição do pensamento político de G. Freyre tenha sido sua constatação de que o Brasil de 1930 não era um país de brancos, negros e índios, mas uma sociedade miscigenada: uma nação marcadamente híbrida. Freyre superou o determinismo racial e geográfico dos pioneiros das ciências sociais brasileiras e positivou a miscigenação. Desta forma, o autor conferiu aos brasileiros sua identidade mestiça e reconheceu as vantagens da miscigenação: ser mestiço é que é bom! Sua ideia acerca da conciliação racial virou cultura política e transformou-se em senso comum.<sup>45</sup>

## REFERÊNCIAS

### *Artigos de revista*

RODRIGUES, Márcia B. F. *Razão e Sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário*. **Dimensões – Revista de História da UFES**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, n° 17, 2005. 213-221 pp.

### *Livros*

BENZAQUEN, Ricardo de Araújo. **Guerra e paz**: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994. 216 p.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª edição, Recife: Fundação Gilberto Freyre, Global Editora, 2003.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. **Gilberto Freyre**: um vitoriano nos trópicos – São Paulo: Editora UNESP, 2005.

### *Teses e dissertações*

COELHO, Claudio Marcio. **Gilberto Freyre**: indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

### *Publicações eletrônicas*

COELHO, Claudio Marcio. **Raízes do Paradigma Indiciário**. Núcleo de Estudos Indiciários – DCSO – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006. Disponível em <http://nei.ufes.br/content/método-indiciário>.

---

<sup>44</sup> COELHO, 2007, p. 208.

<sup>45</sup> COELHO, 2007, p.210.